

“DANDO FORMA” À IDEIA/ CONCEITO MATRICIAMENTOS... HÁ MUITO PENSADO...

GIVENCHY SHAPE” TO THE IDEA OF MATRIXING... LONG THOUGHT OUT...

Lúcia Maria Vaz Peres – Universidade Federal de Pelotas¹

E-mail: lp2709@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0710-2459>

Resumo

O texto apresentado tem como objetivo retomar uma ideia/conceito desenvolvido por ocasião do doutoramento (Peres 1999), quando a autora problematizou o Ser-professor, relacionando-o a questões relativas ao imaginário, ao símbolo, às representações e aos arquétipos, prioritariamente, à luz das contribuições do antropólogo Gilbert Durand e do filósofo e epistemólogo Gaston Bachelard. Ao longo desta retomada conceitual, amplia e argumenta que a ideia/conceito de matriciamento carrega uma espécie de matéria fluida, simultaneamente, temporal e atemporal que por imitação das pessoas àqueles e àquelas que nos precedem, quase sempre inconscientemente, recriamos jeitos e modos de ir sendo e fazendo coisas no mundo, a partir dessa matriz primordial como uma espécie de designo simbólico (aqui entendido como propósito) que trazemos ao nascer naquele meio social e familiar. Ou seja, o texto busca refletir sobre a força dessas matrizes estendida nas relações interpessoais. Reflete que a existência não resulta de explicações científicas, mas também de fatores cosmológicos e psicossociais, de difícil mensuração, que influenciam pessoas nas suas manifestações no mundo. Diria também, nas suas relações com o universo o qual carrega consigo a cosmologia - com sua organização e sua origem – ainda pouco decifrável, mas ressonante em nós.

Palavras-Chave: matriciamentos; formação humana, relações interpessoais; arquétipos e imaginário

Abstract

¹ Professora Titular aposentada, na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), fundadora do grupo de pesquisa GEPIEM (Grupo de estudos e pesquisas sobre imaginário, educação e memória) e, atualmente, atuando como colaboradora. Pós-doutorado na Universidade do Minho em Portugal, na área de estudos em Psicologia e Imaginário. Suas pesquisas estiveram voltadas à área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: imaginário, educação e narrativas (auto)biográficas voltadas à (auto)formação de professores.

Retired Full Professor from the Federal University of Pelotas (UFPEL), founder of the GEPIEM research group (Group of Studies and Research on the Imaginary, Education, and Memory), in which she is currently working as a consultant. She holds a postdoctoral degree from the University of Minho in Portugal, specializing in Psychology and the Imaginary. Her research has focused on the field of Education, primarily addressing the following topics: the Imaginary, Education, and (auto)biographical narratives aimed at the (self)development of teachers.

This text aims to revisit an idea/concept developed during the author's doctoral research (Peres 1999), in which the author explores the issue of Being-a-teacher, relating it to subjects concerning the imaginary, symbols, representations and archetypes, primarily through the perspective of anthropologist Gilbert Durand and of the philosopher-epistemologist Gaston Bachelard. Throughout this conceptual revisit, the author amplifies and argues that the idea/concept of matrixing carries a kind of fluid matter that is, simultaneously, temporal and timeless. By imitating those who precede us, most often unconsciously, we recreate ways of being and acting in the world through this primordial matrix as a kind of symbolic design (here understood as purpose) that we carry from birth within our social and familial environment. In sum, this text seeks to reflect about the strength of these matrices extended to interpersonal relations. It reflects that existence doesn't result from scientific explanations, but also from cosmological and psychosocial factors that are difficult to quantify, and that influence people in their manifestations in the world. The text further suggests influences people's relationship to the universe which carries in itself the cosmology – with its own organization an =d origin – yet undeciphered, but that resonates within us.

Key-words: Matrixing; Human development; Interpersonal relations; Archetypes; Imaginary.

Sua visão se tornará clara apenas quando
você puder olhar dentro de seu coração.
Quem olha para fora sonha, quem olha para
dentro acorda. Só aquilo que somos
realmente tem o poder de curar-nos. O sapato
que se ajusta a um homem aperta o outro;
não há nada para a vida que funcione em
todos os casos.

Carl Gustav Jung

Contextualizando o lugar dessa escrita

Qual será a medida das verdadeiras ações; o selo de autenticidade no devir de valores relativos do mundo? Eu sempre enfrentei estas medidas buscando meu selo de autenticidade, sem com isso desconsiderar as intimações do meio e do contexto aonde estava inserida. E assim, fui traçando meus pensamentos arriscados que sempre me trouxeram algum prazer, enfim...buscando uma visão clara que adviesse do coração.

Quando temos uma ideia e pensamos um conceito, estamos tentando dar forma aos nossos sentimentos frente ao fenômeno estudado ou, simplesmente sentido. Lá em 1996, quando fazia meu doutorado, na Universidade Federal do Rio Grande

do Sul (UFRGS), eu estava preocupada em escavar a gênese do que fazemos, a partir de conhecimentos biográficos². Ou seja, minha questão era encontrar professores que exercessem a prática docente, mas sem formação acadêmica (prática muito comum até a década de 80). Isso porque sempre suspeitei, intuitivamente, de que algo nos move a fazer nossas escolhas profissionais e, também, que carregamos muito do conteúdo subjetivo e biográfico, no caso, para exercer a docência.

O fundamento desta intuição, está na minha história de vida. Contam-me que minha mãe era uma ótima professora de 1^a à 4^a série (assim se designava no anos 50, quando nasci) na zona rural e, pasmem, ela tinha cursado até a 4^a série. A convite do prefeito do município de Pinheiro Machado/RS³ começou a lecionar, na 2^a zona deste município, chamada Berta do Cerro, com 16 anos em uma escola municipal. Portanto, no ano de 1957, um ano antes de se tornar minha mãe. Ela recém havia casado. Meu pai cuidava do campo e era guarda sanitário. Me contava que teve em média 8 alunos e que ensinava como aprendeu e, mediante os testes que vinham prontos das secretarias municipais, somente 1 aluno não fora aprovado para a série seguinte. Lecionou por 1 ano, até eu nascer (quando falava sobre isso eu sentia um saudosismo na narrativa dela, por ter deixado a escola).

Percebo que o embrião do matriciamento estava na história da minha mãe, que de algum modo chega em mim 38 anos depois, quando fui teorizar sobre isso, justo na docência. Estaria esta ideia tatuada na minha família – uma mãe professora de sucesso, sem formação para tal? A isso chama-se de sincronicidade⁴. Eis, que escolho ser psicóloga (sem concluir a clínica) e professora. Sempre me perguntava sobre como minha mãe, e tantas outras daquela época, ensinava sem ter formação⁵.

Hoje em 2024, já aposentada, venho honrar o conceito de matriciamento que, de algum modo, eu devia aos meus ex orientandos – mestrandos e doutorandos,

² Estes conhecimentos estão alicerçados em nossas vivências, na nossa história de vida, mesmo que nem sempre estejam conscientes. No entanto, invariavelmente, são motores de muitas de nossas buscas.

³ Município do interior do Rio Grande do Sul, sede de dois distritos: Torrinhass (onde nasci) e Candiota.

⁴ Aqui entendida como conexão acausal de eventos, configurando-se como outra possibilidade de entender a relação entre dois eventos, de maneira complementar à causalidade. Ou seja, significa ir além do paradigma da causalidade. Como se a vida através de sinas, comece a te mostrar os caminhos. Este termo é fundamental para a compreensão da teoria junguiana e de sua prática.

⁵ Estudos sobre a História da Educação, trazem elementos importantes para a elucidação deste tema.

hoje meus colegas e três, dentre eles, organizadores deste dossiê. Foi então que resolvi me debruçar, no sentido de demarcar na escrita, sobre o que há muito eu defendo, falo e ensinei: em toda ação humana habita uma ancestralidade que nos afeta e nos impulsiona, seja ela mais próxima ou distante. Em outras palavras, somos um grande palimpsesto das muitas escritas em nós, sejam através de verbos expressos em palavras, sejam através de representações e expectativas que são “coladas” em nosso processo de formação. Muito simples e ao mesmo tempo complexo de entender. Vejam, quando nascemos imergimos numa família que tem códigos e crenças para ver e se relacionar com o mundo, onde o novo integrante, já vem com muitas escritas simbólicas sobre ele. Tipo: ele vai ser assim ou assado...; eu espero que ele...; quando crescer vai ser ou gostar de... ou ainda: Maria ou Lúcia têm vocação ou jeito para isso. Aos poucos a criança cresce ouvindo e assimilando essas intimações do primeiro meio social – a família!

Então, podem constatar que esta ideia/conceito de matriciamento não saiu, loucamente, da minha cabeça. De algum modo, minha atenção atenta, parafraseando Gaston Bachelard, foi o andaime que me ajudou a trazê-lo à luz, a partir das minhas vivências, percepções e apropriações sobre a minha trajetória existencial, que de algum modo ajudaram-me a cunhar a referida ideia. Obviamente, iluminada por teorias que contribuíram para “dar forma” às minhas escolhas, pessoais, profissionais e, por consequência, teóricas.

Para tal, trago três autores basilares que fortaleceram a premissa de que somos todos atravessados por muitas intimações do meio – desde o familiar até o social – que constituem a nossa psique e, portanto, nossas ações. São eles Carl Gustav Jung, Gilbert Durand e Marie-Christine Josso. Esta autora chegou na minha maturidade acadêmica (após meu estágio pós doutoral)

Com Jung⁶, já na minha graduação (aprofundado na minha trajetória como docente e pesquisadora), aprendi que somos feitos de matérias ancestrais, permeados pelo inconsciente coletivo, os quais afetam as emoções e os

⁶ Carl Gustav Jung, discípulo de Freud, foi minha primeira paixão. Ele se apresentou no início da minha formação acadêmica, quando cursava psicologia na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Lembro que tínhamos um seminário, onde apresentáramos os clássicos da psicologia. Dentre os vários autores, escolhi Jung. A professora me disse: “sua abordagem não é considerada científica, mas se escolheres mais um autor, podes apresentá-lo”. Assim o fiz, agreguei mais duas colegas e comecei meu estudo, entre “tapas e beijos” com a academia. Inclusive ele foi meu autor guia, juntamente com Jean Piaget, no meu mestrado. E o produto foi meu primeiro livro, intitulado *Significando o não-aprender*. Pelotas: EDUCAT, 1996.

comportamentos do consciente, com o peso das origens e dos valores sociais/culturais da humanidade. Este autor postulou a existência de arquétipos - padrões universais de pensamento e comportamento -, que se manifestam em mitos, contos de fadas e símbolos culturais. Esses arquétipos, como o herói, a mãe e o malandro, permeiam nossa psique, moldando nossa percepção do mundo e influenciando nossas escolhas. Além disso, Jung pensava que o “self/eu” atua como um princípio orientador dentro da personalidade e que seguir sua liderança provoca o desenvolvimento da personalidade cujo processo nos levará a individuação.

Seguindo meu percurso, na defesa do meu mestrado fui apresentada para Gilbert Durand⁷ (por óbvio por ser mais palatável na academia). Ele, um antropólogo francês, filósofo, pesquisador e professor universitário, conhecido por seus trabalhos sobre imaginário e mitologia. Durand é reconhecido mundialmente pela criação da Teoria Geral do Imaginário a partir de sua tese de doutorado, intitulada: *As Estruturas antropológicas do imaginário*, publicada em livro pela primeira vez em 1960, estando hoje em sua 12ª edição. Foi minha referência no doutoramento e com ele aprendi a identificar nosso conteúdo imagético como fator de extrema relevância na compreensão da complexidade da essência humana, partindo do princípio de que o imaginário é a instância onde se projetam, se criam e se forjam realidades, as quais são fomentadas pelas intimações do meio cósmico, psíquico e social/cultural.

Então, no doutoramento, inspirada tanto em Jung quanto em Durand, trouxe para a minha pesquisa o conceito que aqui, tentarei melhor explicitar – Afinal em que consiste o matriciamento? Cujas perguntas de base era o que nos faz professores? Ou ainda, como nos tornamos professores?

Naquele momento, a direção da pesquisa me impelia a um conhecimento que permitisse “visualizar” diferentes matizes sobre o SER professor - novos sentidos para esta “velha” figura, à luz de novas teorias. Neste caso, a durandiana. Assim, adentrei em trajetos simbólicos e imaginários presentes na narrativa de dez professores, sendo nove mulheres e um homem. Importante dizer que nenhum tinha qualquer formação pedagógica e exerciam a prática como docentes na zona rural.

Um pouco sobre a origem do termo - a pesquisa de doutorado

⁷ Lembrando que foi Discípulo de Gaston Bachelard e de Carl Gustav Jung.

Em 1995 a Faculdade de Educação, da UFPel, criou um projeto cujo objetivo era a formação de professores leigos em serviço – leia-se: formar professores que exerciam a docência sem formação. Neste íterim, eu estava fazendo doutorado e como tinha redução de carga horária, fui requisitada para ajudar nessa formação que ocorria no período de férias letivas dos municípios da região sul, do Rio Grande do Sul. Ministrei a disciplina de Psicologia da Educação I. Já nos primeiros encontros, tive a certeza que gostaria de conhecer mais as histórias daquelas pessoas e ali construí meu campo de pesquisa, visto que o foco dos meus estudos estava voltado aos professores.

Essa experiência pedagógica constituiu-se em mola propulsora das minhas indagações e inquietações sobre o professor, pendentes em minha pesquisa de mestrado (Peres, 1996). De certa forma, a interação com esses alunos/professores potencializou meu desassossego e minhas intuições... *existe algo na prática do professor que está para além dos métodos e das técnicas, apesar de incidir nelas.*

Eles não tinham formação, mas atuavam como tal. O prazer frente ao conhecimento, a vontade de saber destas pessoas, foram suscitando questões para a referida pesquisa: Que histórias contariam? O que os movia, e o que os “alimentava”, para que trocassem suas férias para fazer uma formação pedagógica? E, o que “sustentou” suas práticas até aqui?

As 9 (nove) Professoras e o Professor...pessoas, sujeitos que inscreveram-se na pesquisa, narraram suas trajetórias pessoais e profissionais e, junto comigo, desenharam paisagens e alegorias em movimento. Instante fundador para que o desenho das diferentes paisagens fossem expressos. Identidades, trajetórias e narrativas se confundiam com personagens, símbolos e imagens que gravitavam nestas constelações humanas autobiográficas.

Um pensamento me acompanhava desde o início da pesquisa: *uma das vias de compreensão do “mais” humano que habita em nós, advém dos ecos simbólicos da nossa biografia e do nosso sentir.* Portanto, aos poucos a expressão dos movimentos simbólicos – desenhos, poesias, escrita livre, narrativas e colagens - daquelas professoras e daquele professor, faziam emergir símbolos que me permitiram visualizar suas potências no entretecimento entre o modo de ser e do fazer.

Ao longo do percurso de pesquisa construí a ideia de que os saberes pessoais dos sujeitos pesquisados, foram fundadores dos saberes e fazeres como professores, assim acabei intitulado a tese como: *Dos saberes pessoais à visibilidade de uma Pedagogia Simbólica* (Peres, 1999). Foi como se me tivessem apresentado seus imaginários “adormecidos”, os quais trouxeram à luz uma Pedagogia que transita pelo caminho do mundo imaginal. Nesse sentido, a Pedagogia Simbólica redimensionou o primado da fundamentação teórica, mostrando o quanto deve estar entretecido com os outros saberes que constituíram a *pessoa do professor* até sua formação acadêmica. E eis o matriciamento aqui presente.

“Dando forma” à ideia/conceito de matriciamento – da tese até o que penso hoje

Antes deste difícil intento de “dar forma” a este texto cuja origem está na tese de doutorado (Peres, 1999), lembrei de uma frase celebre de Jung que dizia mais ou menos assim: “tudo depende de como vemos as coisas e não de como elas são. Tudo aquilo que não enfrentamos em vida acaba se tornando o nosso destino”. No mínimo instigante! E o modos como vemos as coisas, de algum jeito faz com que elas nos encontrem. Acabo de viver isso em ato!

Trabalhando para buscar o foco da proposta deste artigo, recebo de presente, como um sopro do universo, o livro do Físico Marcelo Gleiser – *O despertar do universo consciente: um manifesto para o futuro da humanidade* (2024). Que sincrônico ter chegado justo neste momento, pensei. Uma tema aparentemente nada a ver com o que estou aqui tematizando, ou não? Fiquei encantada, pois já o havia desejado, após ler sobre o que tratava. E começo a folheá-lo e me deparo com o seguinte excerto, que foi revelador:

Nossa mente tende a criar fantasias de exatidão na arquitetura das cidades e das casas, “a falsa segurança das linhas precisas, retas e anguladas”, de curvas e círculos perfeitos, de geometrias “que nunca encontramos no mundo natural”. (Gleiser, 2024, p.230) (grifos da autora).

Por que revelador? Porque estou tentando explicar o imponderável, o difícil de traduzir num formato, por isso o “dando forma” foi pensado, desde o início entre

aspas. A escrita sobre conceitos é sempre uma falsa segurança, na busca de precisão, coisa que não acontece com a vida vivida. De todo modo, vou tentar contornar possibilidades dessa ideia/conceito, considerando os que segue:

1) Aprendi com Jung que somos feitos de matérias ancestrais, permeadas pelo inconsciente coletivo, os quais afetam as emoções e os comportamentos do consciente, incluindo aqui as nossas escolhas.

2) Com Durand, que a complexidade da essência humana está alicerçada no imaginário como uma grande bacia semântica antropológica, cuja projeção cria e forja realidades fomentadas pelas intimações do meio cósmico, psíquico e social/cultural.

3) O matriciamento advém da força das primeiras interações, tanto familiares quanto escolares, sem descartar a influência da ancestralidade que nos constitui.

4) No caso da tese, os fazeres docentes dos sujeitos pesquisados, assentavam-se nas “matrizes potenciais” do percurso entre o pessoal e o profissional, como pressupostos simbólicos fundadores do imaginário resgatado no trabalho docente.

Esses 4 (quatro) considerandos, são para reforçar a premissa de sempre somos intimados por forças externas que nos afetam e palimpsestos como uma obra em *devir* – no caso à nossa formação e constituição como pessoas -, cujo conteúdo impresso vai revelando traços, por transformação ou por imitação, de outra obra anterior. Traduzindo em miúdos: pode-se dizer que o matriciamento é esta matéria fluida, temporal e atemporal (ao mesmo tempo) que por imitação, quase sempre, inconsciente recriamos jeitos e modo de ir sendo e fazendo coisas no mundo.

Revistando a tese encontro uma narrativa que exemplifica o que estou dizendo. Trago este trecho de uma professora:

[...] aprendi a ler com a minha irmã mais velha, lendo fotonovelas (...) a escola para mim era um sonho (...) quando entrei, a diretora não acreditava que eu havia sido alfabetizada assim. Fiz um teste e entrei direto na 2ª série (...) passei a ensinar um vizinho. Lembro que ele aprendeu rapidinho e eu vibrava (...) tive muitos desencantos quando entrei no magistério, eu sabia que para ser professor não precisava ser uma super mulher, como pareciam querer que nós fôssemos. (Ailec, 1999)⁸.

⁸ Ailec era uma professora de São Lourenço do Sul, que além da sala de aula fazia poesias autodidaticamente. Uma entusiasta por ensinar e aprender.

Muito esclarecedora a ideia/conceito, quando percebemos que pela “retrospecção e prospecção” (Nóvoa, 1992), Ailec como os demais sujeitos trouxeram o percurso feito em suas vidas, direcionado ao projeto profissional. Neste processo, quiçá rumo a individuação, pulsam informações de si mesmos e dos “muitos outros” como partes desse si, parafraseando Paul Ricoeur (1991).

Portanto, no caso em questão, as palavras, as imagens, os gestos e as produções, são, sem dúvida, matérias inconsistentes, e móveis, que reclamam por serem experimentadas em profundidade, na intimidade da substância e da força, do familiar e do desconhecido que nos coabita.

Bem mais tarde, em 2000, meu encontro com a pesquisadora suíça Marie-Christine Josso, foi através de um colega que me entregando em mãos um artigo dela que estava no livro do António Nóvoa, intitulado “Vida de Professores” (1992), me disse: “está aqui uma autora que diz muito do que defendeste na tua tese”. Foi amor à primeira lida! Comecei a buscar mais material sobre ela, até que me encontrei com o livro, intitulado “Experiências de vida e formação” (2004). Desde então, ela foi a balseira daqueles meus pensamentos arriscados, que sempre foram olhados com alguma desconfiança, mas que bancados pelo rigor com que sempre defendi e sustentei as chamadas “louca ideias” da Lúcia. E, as “loucas ideias” sempre foram respeitadas, bem como, posteriormente, a produção dos meus orientandos.

Com Josso (2004) reafirmei a referida ideia/conceito, concebendo-o como conteúdos existenciais que se tornam motores de buscas e projetos de vida. Lá na origem, com base na Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (1989), eu pensara como potencialidade simbólica das imagens arquetípicas fundadoras das escolhas pessoais e profissionais,

[...] deixando marcas tipo hologramas que podem matriciar as futuras reações. Logo, todas as ações posteriores dependem da cadeia destes como um complexo conectado entre si, lembrando que a produção individual soma-se à representação do Imaginário enquanto ‘capital cultural humano’ (Peres, 1999, pp. 37) [grifos do autor].

Nesse movimento, aprofundei meus pensares e alguma tematização (entre um artigo e outro e quando ministrava disciplinas) aliando a Antropologia do Imaginário

com os estudos (Auto)Biográficos, no que se refere às histórias de vida em formação. Também, usei a noção de biografização proposta por Christine Delory-Momberger (2008), percebo-o como sendo o matriciamento originário dos aspectos cognitivos e sócio históricos, pelos quais nos apropriamos de mundos sociais preexistentes e damos continuidade à sua construção. Outras palavras para dizer o mesmo, no sentido de que nada começa agora. Em tudo o que fazemos e nos move, coabita um fundo arcaico de sentido.

Portanto, se pode dizer que o matriciamento: a) é uma amálgama entre o pessoal o profissional, onde os saberes pessoais movimentam novos projetos como busca e obra (Josso, 2004), profissional e existencial; b) é um investimento subjetivo, onde cada um de nós movimenta, mesmo sem o saber, a (auto)formação por meio de diferentes experiências singular/plural.

Passado algum tempo, em 2012, um dos produtos do meu pós-doutoramento foi a retomada desta ideia/conceito, que posteriormente publiquei um capítulo no livro 7 do CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica), intitulado “Apontamentos sobre polarizações míticosimbólicas: matriciando a escrita (auto)biográfica de estudantes de pós-graduação”. Nele retomei um outro aspecto que compreende o matriciamento. Qual seja: a “cultura da interioridade”, como um acúmulo de imagens e símbolos que vão aos poucos dando forma aos jeitos de viver e pensar humanos no decurso do processo de (auto)formação. Lá eu reafirmo que em meio a outras pesquisas semelhantes até a realização do meu estágio pós-doutoral (2011/2012), que

[...] meus achados e minhas suspeitas de que somos alavancados por matrizes fundadoras (matriciamentos) na base do nosso projeto (auto)formativo existencial. Ou seja, na medida em que observava tanto os estudantes em formação inicial, quanto os que estavam em formação continuada – meus orientandos com suas intimações propulsoras das razões pelas escolhas de seus objetos de pesquisa – fui fortalecendo meus pressupostos de que havia algo mais que orquestrava as escolhas profissionais (Peres, 2012, p.270). (grifos meus)

Entre muitos textos, desde 1999 até 2012 (última vez que escrevi sobre o tema) o que de fato venho ratificar é que no decurso de uma vida, forças visíveis e invisíveis, em geral, atuam com forte viés arquetípico. O que isso quer dizer? Que somos o tempo todo atravessadas (os) pelas polarizações arquetípicas. Estas se

referem ao conceito preconizado na Psicologia Analítica de C. G. Jung, a qual nos remete às formas imateriais que “moldam” os fenômenos psíquicos. Como já me referi antes, Jung usou o termo para se referir a estruturas potencialmente inatas que servem de matriz para a expressão e desenvolvimento da psique e, por consequência, balizam nossas escolhas e ações no mundo.

Portanto, pode-se pensar o matriciamento como uma potencialidade arquetípica, ressaltando que ele nunca se afigurará como um caminho definido *a priori*, mas como um potencial em *devir*. Ou seja, estruturas potencialmente inatas que servem de matriz para o desenvolvimento da psique.

As potencialidades simbólicas subsumidas nos matriciamentos como “imagens fundadoras das escolhas pessoais e profissionais, desde que decifradas podem mostrar que as futuras ações dependem da cadeia de imagens que trazemos conosco como um complexo conectado entre si”, lembrando que a produção individual soma-se à representação do Imaginário enquanto ‘capital cultural humano’”. (Peres, 1999, p.37). (grifos da autora)

Então, essa ideia/conceito, inicialmente, por mim defendida e direcionada ao campo da formação docente, mostrou que tal processo tem início muito antes da escolha profissional. Ou seja, nos primórdios da escolarização, através de interações com os outros e com o mundo, constituindo-se em matrizes potenciais que podem encaminhar o percurso profissional docente (Peres, 1999). Daí a formação de uma cultura da interioridade (Peres, 1999), também apontada como parte do processo de estar sendo matriciado. No estudo realizado no estágio pós-doutoral amplio esta ideia para incorporar o mundo ancestral e coletivo, mostrando homologias nas cartas de tarô, como âncoras de traços míticos da história da humanidade em nós (Peres, 2012). Isso para que observemos que na constituição desta cultura, tem na sua base um ver e um sentir humanos ativo que ao interpretar o mundo, vai esculpindo seu interior.

Mundo que por um lado está preso ao que Jung chamou de ‘inconsciente coletivo’ (responsável pelas imagens produzidas na psique como parte da estrutura do imaginário humano); por outro, recriando-o através da produção de roupagens atualizadas numa dada cultura e num dado meio em direção às ações futurantes do sujeito imaginante, o qual projeta e antecipa o que ainda não é, mas não abandona a âncora do atemporal (Peres, 2012, p.276).

No percurso da minha vida, e na minha história de formação, sempre apostei no investimento de apropriar-me do lugar que ocupava neste mundo e, sobretudo, de refletir sobre o que fazemos nesse lugar que ocupamos. Em outras palavras, refletir constantemente, sobre o nosso ser/estar no mundo. Com isso, ressalto a minha opção e meu ponto de vista na vida e na profissão: opto pelo olhar, para dentro e para fora, para sentir e discernir sobre o que é essencial no percurso de (auto)formação e no convívio com os demais.

Dito isso, gostaria de pensar que pude aprofundar, um pouco mais, a/o ideia/conceito de matriciamento trazendo em cena a cultura da interioridade que se corporifica através deste. Na medida em que tudo o que é extramundano se converte em realidades imediatas, fundamento das coisas, a fixação de qualquer objetivo e mesmo o significado final das coisas não têm fundamento, exclusivamente, sobre a pretensa realidade das ações objetivadas. Mas, ao contrário, visto que

Sob a influência do materialismo científico, tudo o que não podia ser visto nem apalpado com as mãos foi posto em dúvida, ou pior, ridicularizado, porque suspeito de metafísica. Só era “científico” e, por conseguinte, aceito como verdadeiro, o que era reconhecidamente material ou podia ser deduzido a partir de causas acessíveis aos sentidos. (Peres, 2012, p.295)

Trago uma passagem de uma das obras de Jung (2000), que elucida melhor o que desejo demarcar sobre a fixação de qualquer objetivo e significado final das coisas como único fundamento.

Em sua compreensão mais profunda, a Psicologia é autoconhecimento. Mas como este último não pode ser fotografado, calculado, contado, pesado e medido, é anticientífico. Mas, o homem psíquico, ainda bastante desconhecido, que se ocupa com a ciência é também ‘anticientífico’ e, por isso, não é digno de posterior investigação? (...) Temos motivos suficientes para admitir que o homem em geral tem uma profunda aversão ao conhecer alguma coisa a mais sobre si mesmo, e que é aí que se encontra a verdadeira causa de não haver avanço e melhoramento interior, ao contrário do progresso exterior (Jung, 2000, p.4).

E o que digo, hoje, distante da vida acadêmica, mas jamais dos meus pensares?

São muitas as coisas que, ainda quero dizer sobre o tema. Provavelmente, muito fora da caixa acadêmica. Vou tentar ser “academicamente correta”, como sempre o fiz, mesmo que na manga tenha outras várias suspeitas. Vamos lá!

Desde que sai dos bancos universitários como docente, quando em 2022 me aposentei, dei asas ao meu espírito inquieto que mesmo fazendo a diferença lá, esteve sempre freado dentro de uma caixa, para não extrapolar demasiadamente.

Descobri que, quando uma coisa é verdadeira na vida, essa verdade aparece de muitas maneiras. Por isso, não me surpreende (e, talvez, nem a vocês) que a documentação científica das descobertas de Jung, por exemplo, foram taxadas como (somente) místicas para evitar a tensão duvidosa sobre o que era de fato O FATO. Ou ainda, uma pseudociência, visto que nem tudo o que defendemos pode ser “tocado” no sentido de mensurado, como preconizado pelo materialismo científico. Assim, dito isso, à medida em que me preparava para sair da matriz acadêmica da lógica instituída, várias sincronicidades começaram a acontecer.

Sabia eu que eu não pararia de pensar e, que também, continuaria meu trabalho de autoconhecimento, para cada vez mais ajudar os outros a se autoconhecerem (coisa que sei que fiz junto aos estudantes que por mim passaram e que estavam dispostos para isso). E, sendo eu neta de rezadeira⁹ e filha da mulher que se tornou professora pela intuição, ajudando muito dos seus alunos, nada melhor de que na aurora da minha vida, desse passagem aos saberes que sempre me atravessaram e de algum modo honrei e defendi. Quis o universo me trazer à luz os matriciamentos que sempre estiveram comigo: trabalhar com os *conhecimentos indiretos* (Durand, 1988)¹⁰. Tais como: oráculos, calendário sagrado das 13 luas, do Maias, para citar algumas ferramentas que ampliam a imaginação. Essas ferramentas são dispostas para exercitar a hermenêutica instauradora, porque amplificadora de sentidos. Para Durand, Jung trabalha na perspectiva da hermenêutica instauradora, assim como os autores Ernest Cassirer, Gaston Bachelard, Merleau-Ponty. Nessa hermenêutica “o problema do símbolo não é

⁹ Aquela que mantém a fé e a esperança de que, apesar das circunstâncias, haja uma força maior cuidando de tudo.

¹⁰ Para o autor a consciência dispõe duas maneiras representativas de mundo: direta e indireta. Na consciência direta, leia-se – conhecimento direto -, a própria coisa parece estar presente na mente, como na percepção ou na simples sensação. Enquanto na indireta, leia-se – conhecimento indireto - o objeto não pode se apresentar à sensibilidade “em carne e osso”. O objeto ausente é re-(a)presentado à consciência por uma imagem, no sentido amplo do termo. Ou seja, a consciência dispõe de diferentes graus de imagem.

absolutamente o do seu fundamento, como querem as perspectivas substancialistas (...) o símbolo remete a alguma coisa, mas não se reduz a uma única coisa” (Durand, 1988, p. 58-60).

Trabalhar nesta perspectiva, de uma interpretação aberta ou da hermenêutica instauradora, tendo nestas ferramentas a guarida do conhecimento indireto, significa ajudar pessoas a tirar o véu que oblitera a visão e imobiliza-nos frente à incerteza. Movimento que podemos fazer na pesquisa. Aliás, muito fizemos nas minhas pesquisas e orientações¹¹.

Voltei a aprofundar estudos junguianos e neste caminho, tarô, física quântica e, logo fui apresentada para o calendário sagrado dos maias. Tudo muito grandioso! E em tudo vejo possibilidades para nos pensar e seguir o caminho existencial como busca de uma bom projeto-obra de nós mesmos (parafraseando Josso).

Neste campo de possibilidades, percebi que o matriciamento está no designo (aqui entendido como propósito) que todos trazemos ao nascer. De algum modo, ao aterrizarmos nesta morada, trazemos em nossa bagagem a indicação, ou marca, sobre o que temos que cumprir (poderia ser lido como próximo da teoria reencarnacionista de Alan Kardec ou budista ou... Mas não. Acompanhem-me). Lembram do que já explicitiei acima, no que se refere a imergir em uma família? Pois, agrego outros componentes: o cosmológico, simbólico e ancestral. Nele podemos auscultar, tanto através da astrologia, quanto do tarô, quanto do I-Ching, só para citar os mais conhecidos. Ainda poderia citar os Kins maias¹².

Esses conteúdos e conhecimentos indiretos (para os desavisados, uma pseudociência), compreendem o grande espectro do universo, como potência do que penso ser hoje, matérias para o matriciamento. Vejam, não por acaso, a filosofia, desde a Grécia, antiga se faz perguntas sobre as razões da existência humana: Por que estamos aqui? De onde viemos e para onde vamos? Perguntas ontológicas que ainda hoje, tentamos contornar com alguma resposta possível.

¹¹ Vide as pesquisas desenvolvidas no interior do GEPIEM. Em especial, ZANELLA, CELÓRIO, BORGES, para exemplificar.

¹² Os Kins maias carregam a essência, um poder e uma ação. Estão dentro de uma matriz sagrada que revela o aspecto espiritual do tempo e conecta a sua mente com o tempo natural, através da frequência 13:20 onde o tempo é arte. Assim como o signo astrológico, cada pessoa que nasce está sobre uma influência do KIN do dia, agregado aos tons que se refere a representação de uma frequência vibratória que possui significado cosmológico.

O formalismo didático e eclesiástico subtraiu o poder da imagem criativa e “iniciática”, marginalizada em benefício dos imperativos históricos. Nesse sentido, Durand em suas obras, mas em especial em *Imaginação Simbólica* (1988), chama a atenção para a necessidade da instauração das hermenêuticas para além das ortodoxias (especialmente a romana), portanto convida-nos a andar ao “do lado das heresias”. Aponta a urgente necessidade de superar o racionalismo conceitual dos filósofos e teólogos, para dar lugar aos poetas e artistas, de preferência aos “malditos”.

É preciso deplorar esse tríptico efeito da clandestinidade forçada a que foram constrangidos os hermeneutas da nossa época -- Cassirer, Jung, Ricoeur, Corbin, Eliade, Bachelard (...) são os heréticos, ou poetas, ou autodidatas e universitários marginais, e até mesmo as três coisas ao mesmo tempo (Durand, 1988, p.30)

Esse formalismo didático e eclesiástico, subtraiu o poder da imagem criativa e “iniciática”, marginalizada em benefício dos imperativos históricos do materialismos científico. Felizmente, tenho percebido, em especial com o advento da pandemia da COVID-19, que em alguns aspectos estamos superando as ortodoxias, abrindo espaços à superação do racionalismo conceitual, mesmo que paradoxalmente tenham emergido das sombras os terraplanistas. Paradoxos dos avanços...

Talvez a grande sacada seja buscar formas de (RE) criar um Novo Eu, curar-se a Si mesmo e, por consequência, (re)criar um novo tempo e transformar o mundo.

Os malditos, hoje reconhecidos, como Marcelo Gleiser, nos lembram que “um mundo criado por Deus é sagrado. Um mundo descrito exclusivamente pela ciência, um mundo de causas e probabilidades, não é” (Gleiser, 2024, p. 231).

Sabemos que Deus não se explica, mas o podemos sentir nos sinais do universo que sendo ele vasto o alcance dos nossos instrumentos, é limitado. Mas, talvez ele se enriqueça com a nossa presença, com o nosso constante questionamento e inquietação e desejo insaciável de sempre querer saber mais.

E onde entra o matriciamento? Na problematização de que a nossa existência não é apenas uma questão científica, que depende da nossa posição. É, também, uma questão existencial que dependendo dos valores e escolhas morais, seremos influenciadores cósmicos de gerações futuras. Sendo assim, sem juízo moral, é preciso que prestemos atenção sobre as ressonâncias que causaremos com o que dizemos e fazemos.

Embalada pelo manifesto de Gleiser (2024) finalizo com ele dizendo:

Mesmo que pouca gente conheça o princípio da mediocridade, a maioria vê a humanidade como dona do planeta, uma forma superior aos outros animais e plantas. Existem muitos modos de contar a história de quem somos e estas narrativas são produto de valores e escolhas éticas que afetam como nos relacionamos com o planeta que nos abriga e entre si. Está na hora de mudarmos a história de quem somos (Gleiser, 2024, p.83).

E mais...

No entanto, toda a criatura viva é uma manifestação do mundo por inteiro, carregando consigo as montanhas, os rios, os oceanos, as florestas, o indivíduo e a biosfera, formando um todo indivisível. Essa é a comunidade global do vivo com o não vivo, expressão da união entre o ser e a matéria, o elo sagrado da existência. Violar esse elo é decretar o nosso fim (Gleiser, 2024, p. 230-231)

Parece um papo e louco ou de que as ideias de Gleiser nada conversam com o que estou aqui tematizando. Porém, digo que por mais estranho que possa parecer, quando o autor afirma que “toda a criatura viva é uma manifestação do mundo por inteiro, carregando consigo as montanhas [...]”, é possível relacionar ao que já expus acima, a partir de Jung e de Durand, quando os autores nos lembram de que somos feitos de matérias ancestrais, permeadas pelo inconsciente coletivo e que, a complexidade da essência humana está alicerçada no imaginário como uma grande bacia semântica antropológica, cuja intimação advém do meio cósmico, psíquico e social/cultural. Eis aqui a conversa com o manifesto de Gleiser (2024), visto que tudo o que está orbitando no universo e não temos consciência, também vive em nós.

Sendo assim, minhas palavras finais deste texto e quem sabe para abrir novas divagações, somos todos matriciados e matriciadores de crenças, valores e o que mais colocarmos neste barco cosmológico. Portanto, o matriciamento não é como a “tábula rasa”, como preconizada pelo filósofo inglês John Locke, quando definiu a mente de um bebê como um tipo uma folha de papel em branco, que seria marcada por impressões obtidas por meio das experiências e, a partir daí, surgiria o entendimento, a inteligência. Mas, sim, uma construção arquetípica, quando ideias primevas adentram no campo da subjetividade formativa do humano. Exatamente, seguindo os ensinamentos de Carl Gustav Jung ao inserir o conceito de arquétipos

como padrões universais de comportamento, símbolos e imagens que residem no inconsciente coletivo da humanidade, na tentativa de explicar a estrutura da psique humana e como ela se manifesta em nossas vidas e nas relações com os outros. Eis a beleza e a complexidade do que nos faz ser o que somos, matriciados por matérias sutis e, portanto, nem sempre tangíveis.

Referências

Delory-Momberger, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2008.

Durand, G. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1988.

Durand, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Gleiser, M. **O despertar do universo consciente**: um manifesto para o futuro da humanidade. 3. ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 2024.

Josso, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

Jung, C. G. **A natureza da psique**. v. 8/2. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.

Nóvoa, A. (Org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. (Coleção Ciências da Educação).

Peres, L. M. V. **Significando o “não-aprender”**. Pelotas: EDUCAT, 1996.

PERES, Lúcia Maria Vaz. **Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica**. 1999. 167 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

Peres, L. M. V. (2011). Movimentos (auto)formadores por entre a pesquisa e a escrita de si. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 173-179.

Peres, L. M. V. (2012). Apontamentos sobre polarizações míticosimbólicas: matriciando a escrita (auto)biográfica de estudantes de pós-graduação. In: C. M. S. & L. M. V. Peres. (Orgs.). **Territorialidades**: imaginário, cultura e invenção de si. V. 7. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012 ((Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica: temas transversais).)

Ricoeur, P. (1991). **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991. Papirus.

